

O CORPO AO LONGO DA HISTÓRIA: PERCURSO E PERCALÇOS

JAYNE SANTOS LEITE¹; MARCELO OLIVERA CAVALLI²

¹Universidade Federal de Pelotas – jayneesefupel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – maltcavalli@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Observa-se que o campo de trabalho do profissional de Educação Física apresenta amplas possibilidades de atuação nos mais diversos contextos em nossa sociedade. Entretanto, muitas destas precariamente abordam o corpo de maneira subjetiva, explícita e relevante, digna do ser humano. Por conseguinte, muitas vezes contempla-se o corpo “sujeito” e não a integralidade desse indivíduo. Conforme aponta FENSTERSEIFER (2006, p. 93) “a formação do profissional na área da saúde é herdeira de uma tradição dualista que pensa a saúde no espaço das chamadas ciências naturais, tendo, portanto, como referência, um corpo-objeto limitado a um viés biologicista que ignora o contexto dos indivíduos”.

Na estreita relação do profissional de Educação Física com o corpo é que fica evidenciada a necessidade de reflexão e abordagens mais holísticas sobre a questão do corpo.

O problema de pesquisa deste estudo bibliográfico apresenta-se descrito no seguinte questionamento: uma reflexão acerca da abordagem corporal ao longo da história nos permite ponderar sobre como está o corpo representado na educação física dos dias atuais? Nesse sentido, este estudo tem por objetivo evidenciar o percurso e percalços do corpo humano ao longo dos tempos.

No período pré-histórico ficou constatada a relação do homem com a natureza de forma direta. O corpo era o meio do homem sobreviver e se relacionar com o mundo exterior. Nesse período

“o corpo do homem primitivo estava em sintonia e intimidade com o ambiente, com a satisfação das necessidades e a solução dos problemas imediatos do cotidiano, no tempo em que não existiam tantos instrumentos, o corpo, em si, era o instrumento de mediação do homem com o mundo” (COSTA, 2011, p. 248).

Mais recentemente, na Grécia Antiga, observa-se que a questão corporal era considerada não apenas como um elemento biológico, mas como um ponto

de encontro entre a estética, a moral e a filosofia (COSTA, 2011). Esparta, com uma visão militarista, concentrava suas práticas corporais na formação de guerreiros fortes, viris e corajosos. Atenas, por sua vez, valorizava a educação integral do homem, buscando desenvolver atributos como a intelectualidade e a vida em sociedade. Sendo assim “ambas as cidades cultuaram a beleza do corpo forte ou suave, os contornos e definições do corpo, feminino e masculino, deveriam levá-lo mais próximo possível da perfeição” (COSTA, 2011, p. 251).

Os conceitos de Platão, influenciado pelos pensamentos de Sócrates, indicavam que o corpo era a prisão da alma. O filósofo defendia que apesar do homem pertencer às duas realidades, corpo e alma, o homem deveria libertar-se do corpo e ligar-se à alma – visto que ela era eterna, superior e perfeita em relação ao corpo. Com pensamento oposto ao de Platão, Aristóteles não trata o corpo como prisão da alma, uma vez que ambos formam uma unidade – o corpo como matéria e a alma como forma deste. Em relação a preocupação com o corpo na Grécia Antiga, MOREIRA (2006, p.187) denota que a prática de exercícios físicos ao ar livre apoiava-se na crença de que um corpo sadio era agradável aos deuses, pois qualificava a “morada” da alma.

Com a ascensão da civilização romana, o corpo humano perde um pouco dessa conotação filosófica grega para responder e atender a interesses mais voltados à preparação de corpos para o confronto físico – lutas, batalhas, guerras. Na verdade o corpo perde o seu valor, assumindo a tarefa de ser mero veículo transportador, a morada carnal da alma dos seres humanos.

Considerando o contexto europeu da Idade Média, a sociedade era marcada por forte e determinante poder religioso. O período é marcado por cuidados higiênicos insuficientes, pouco envolvimento com atividades físicas, reduzida evolução no pensamento e no conhecimento. A grande incidência de epidemias e pragas decorrente dessa estagnação seguiu a sequência lógica.

No Renascimento ocorre um rompimento considerável com a abordagem paradigmática criacionista até então imposta pela Igreja. O corpo volta a assumir seu importante papel social e deixa de ser visto como uma fonte de atos pecaminosos. Passa a ser o centro das atenções nas artes plásticas e demais manifestações artísticas, tendo suas formas valorizadas na busca pela beleza e perfeição.

No transcorrer do Iluminismo e as revoluções industriais chega-se à Idade Moderna. Conforme afirma ROCHA (2012, p. 158), “A modernidade traz o

preceito de substituição das crenças religiosas, das explicações e dos comportamentos instituídos pela religião, por outros baseados na razão, como consequência do Iluminismo”.

Com o decorrente surgimento do capitalismo, o corpo passa a ser objeto formal para as longas jornadas de trabalho, necessitando, assim, ser forte, disposto e saudável para desempenhar as tarefas laborais do dia-a-dia. Essa abordagem capitalista sobreleva o valor do corpo e institui o valor de máquina de produção. Corpo passa a não ser visto apenas como uma máquina; pior, uma pequena engrenagem de uma máquina maior, substituível e descartável.

A humanidade chega ao século XXI com os mesmos preceitos de corpo do final do século passado – a busca por um corpo bonito, vistoso, sexy. Conforme os padrões estabelecidos na atualidade perde-se a distinção entre o bonito e o belo. A abordagem estética grega do belo sofre alterações e ressignificações. A “estética” moderna passa a significar “belo”; só que “belo” assume a conotação exterior de “bonito”. Um corpo bonito é, no senso comum da atualidade, um corpo belo. A essência intrínseca do belo grego, da subjetividade do ser, da percepção do sujeito assume a objetividade da aparência externa do bonito.

A preponderância midiática passou a estabelecer preceitos, modelos, conceitos, crenças, práticas e valores corporais e de saúde sob a sociedade enquanto massa humana. O corpo na sociedade atual se encontra em uma incógnita: saúde e beleza/saúde ou beleza? Sedentarismo e consumismo são ao mesmo tempo paradoxos e sinônimos. O capitalismo desenfreado apresenta o veneno e o remédio, o real e o ideal e faz da sua educação o consumo (OLIVEIRA e DELCONTI, 2010). A exploração da imagem corporal, tendo por base corpos "bonitos", gera desejos de padrões de corpo. Mas afinal, o que é ser bonito? O que é bonito? O considerado bonito é o ideal para todos os indivíduos?

2. METODOLOGIA

O presente estudo, de cunho bibliográfico, se desenrola por meio de leitura e análise da literatura científica e midiática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como se observa na sociedade atual, a preocupação corporal constante e, em certos casos, excessiva demanda cuidados extremos para com o corpo; “sexualiza”, em demasia, o corpo; transforma-o em um modelo de sucesso social;

e reduz o corpo a um mero objeto consumista. De acordo com MATA (1999 apud OLIVEIRA e DELCONTI, 2010, on-line) “o consumismo é o foco da sociedade capitalista e a mídia é seu veículo. O pensamento da sociedade é que determina os ideais de corpo. Assim o corpo ideal na história da humanidade foi sempre adequação ao modelo exigido por cada sociedade”.

4. CONCLUSÕES

No caso específico da Educação Física, faz-se necessário repensar a ação profissional no que tange a conteúdos, métodos, práticas, crenças e valores. Enaltecendo sempre o papel do Educador Físico como um promotor de conhecimento acerca do corpo, de suas relações e implicações para a saúde, educação e sociedade. Os alunos e a sociedade como um todo precisam, além de ter consciência, agir dentro da premissa de que o importante não é ser bonito ou feio, magro ou gordo, mas se aceitar e aceitar aos demais, respeitando as diferenças; de que bonito é diferente de belo; de que bonito é diferente de saudável. A Educação Física tem que capacitar as pessoas para se emanciparem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Vani Maria de Melo. Corpo e História. **Revista ECOS**, v.10, n.1, p.245-258, 2011.
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Corporeidade e formação do Profissional na área da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n.3, p. 93-102, maio 2006.
- MOREIRA, Wagner Wey; CARBINATTO, Michele. CORPO E SAÚDE A RELIÇÃO DOS SABERES. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 3, p. 185-200, maio 2006.
- OLIVEIRA, Valdiney M. e DELCONTI, Wesley Luiz. **Corpo e consumo: implicações para a educação física escolar**. In: V Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica, 2010, Maringá. **Anais do** Mostra Interna de Trabalhos de Iniciação Científica CESUMAR, Centro Universitário de Maringá, Maringá. Disponível em: <http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/quin_mostra/valdiney_marques_oliveira.pdf> Acesso: 10 out. 2013.
- ROCHA, Ana Emília Sousa. Trabalho, Corpo e Identidade – O Humano na Modernidade e na Contemporaneidade. **Revista Diálogos** -Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade, n. 6, p. 158-173, 2012.